

VIEIRA
E O SERMÃO DO QUINTO DOMINGO DA QUARESMA:
AS VÁRIAS VOZES QUE COMPÕEM O SEU TEXTO

Rogério Brambila De Carvalho

Não podemos falar sobre algum escrito do padre Antônio Vieira sem antes comentarmos um pouco sobre sua biografia.

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, no ano de 1608 e morreu na Bahia, em 1697. É considerado o maior orador sacro do Brasil-colônia. Possui cerca de 200 sermões que discutem os mais diferentes assuntos: problemas da oratória sacra (Sermão da Sexagésima); defesa dos índios contra os colonizadores (Sermão da Primeira Dominga da Quaresma), contra a escravidão negra (Sermão XIV - Maria, Rosa Mística) etc.

Por haver advogado a causa dos cristãos novos, suscitou a ira da Santa Inquisição. Também sofreu na mão dos colonizadores brancos que não admitiam sua campanha em favor da liberdade do índio. Podemos afirmar, dessa forma, que utilizou o Conceptismo - jogo de idéias, organização de frase seguindo uma lógica rigorosa -, considerada uma característica barroca, na causa dos menos favorecidos na sociedade. Apesar de orador, sua retórica não se resume apenas à exposição oral, pois o que chega até nós são os seus escritos. Portanto, para entendermos a sua idéia, precisamos ler suas obras.

Encontram, inicialmente, duas questões a serem levantadas. A primeira delas é o significado de leitura; a segunda, o de texto. Leitura em latim é *legere*, *cognoscere*. Notemos como o verbo latino está intimamente ligado com o verbo grego “*légein*”, que significa dizer; reunir. Também significa conhecer. Toda leitura é um processo de conhecimento. Em grego, o significado de leitura é mais enfático: “*anagnosis*”. Esta palavra pode ser dividida em duas: *ana* (repetição) e *gnósis* (conhecimento). Leitura para os gregos é um “reconhecimento”. Só se reconhece o que já se conhecia de antemão. Assim, para que se tenha conhecimento de algo é preciso que se tenha um “pré-conhecimento” desse algo. Quando trabalhamos interpretação de textos, sabemos que um leitor precisa ter dois tipos de conhecimentos: o lingüístico e o de mundo. Adquirimos o conhecimento lin-

güístico através do estudo da nossa língua materna. Já o conhecimento de mundo envolve uma série de fatores que são adquiridos desde as nossas origens. Assim, o conhecimento social, político, econômico, religioso, psicológico, psicanalítico e muitos outros são formas de conhecimento e entendimento da nossa realidade. É evidente que quanto mais conhecimento de mundo tivermos, melhor será o nosso entendimento de um texto. Podemos chamar esses conhecimentos de pré-conhecimentos, pois são eles que nos auxiliam na compreensão do texto que nos é apresentado.

O significado de texto está intimamente ligado ao significado de leitura. Texto vem do verbo tecer. Cada texto se tece com a linha discursiva da linguagem. Texto é, portanto, linhas de discurso que se entrelaçam tendo como fundo os buracos do vazio da linguagem. Há vários tipos de textos, dentre os quais podemos destacar:

A - Texto informativo - Este tipo de texto trabalha diretamente com os meios de comunicação. Todo o seu esforço consiste na conquista do leitor através de publicações e assuntos, num discurso objetivo, direto e claro, em geral pobre, que esteja de acordo com o universo vocabular médio dos seus consumidores. O leitor é atraído, dessa forma, a sonhar com uma realidade que não é a dele, gerando as diferentes formas de alienação (do latim *alienus*: outro).

B - Texto publicitário - Constituído de texto e imagem (esta possui um impacto muito forte), dirigem-se à parte emotiva e pessoal do leitor. Não exigem esforço muito grande de compreensão. Há uma reflexão por parte do leitor, mas apenas com o objetivo de torná-lo um consumidor em potencial. Aparentemente, apresenta ambigüidade em seus textos, mas que desaparece rapidamente, na medida em que o leitor é “forçado” a escolher o produto.

C - Texto científico - elaborado de uma forma mais excelente que os anteriores, este tipo de texto já não trabalha mais com informação e sim com o conhecimento. É encontramos em universidades, onde a relação professor-aluno se dá por meio de “*dia-logo*”. Este conhecimento é de um valor tão grande que irá influenciar a vida do estudante ao longo de sua caminhada. O ato de ler sai do âmbito do consumidor e se centraliza no âmbito da leitura, que irá determinar o modo de ser social e profissional do leitor. Na realidade, este texto

baseia-se em verdades objetivas, pois se utiliza de métodos objetivos e, por isso, tem sua permanência nas universidades.

D - Texto mítico - Trata-se de um texto ambíguo. Em suas transformações históricas, os mitos dão origem às religiões e às artes. O seu tempo é circular e dinâmico e não linear como no conhecimento racional. Os textos míticos se prestam a múltiplas leituras não somente religiosas e artísticas, como também de diferentes disciplinas ditas científicas, como a Psicanálise. Como exemplo, podemos citar o mito de Édipo.

E - Texto jurídico - Este texto está diretamente ligado às leis que regem os países. Sua idéia tem um fundo mítico-religioso, pois vemos que as leis estavam ligadas à origem dos próprios deuses ou seus representantes divinos. Como a formulação das leis se dá através do discurso, a linguagem tem um fundamento importante nelas, uma vez que reside na ambigüidade. No entanto, quando a lei é aplicada, a ambigüidade termina. A hermenêutica jurídica tem raízes antigas e é já tradicional.

F - Texto filosófico - O texto filosófico trabalha com o pensamento dos grandes filósofos. Infelizmente, na medida em que o pensamento começa a se estabelecer, um sistema aparece em torno dele. Dessa forma, privilegia-se tal pensamento em detrimento dos outros, de outros pensadores. Em suma, perde-se a liberdade de filosofar em cima do pensamento deles quando nos prendemos aos sistemas que propõem uma hermenêutica fechada de suas obras. Percebemos que é possível pensar uma determinada obra porque outros pensadores ousaram fazer isto. É o caso de Aristóteles e São Tomás de Aquino. Também encontramos esta liberdade em Heidegger e os pensadores originários Heráclito e Parmênides.

G - Texto poético - O texto poético é ficcional no sentido etimológico. Ficção não deve ser entendida como algo não verdadeiro neste caso. Vem do verbo grego “*fingere*” que possui quatro significados básicos: fingir, mentir; formar; educar; imaginar. Esse “fingimento” foi entendido como algo não verdadeiro por teólogos e cientistas. Um estudo mais aprofundado, no entanto, “*re-vela*” que “*fingere*” aponta para o que se molda, dá aparecimento e estabelece um limite de algo diante do vazio. Vale a pena lembrar que é na poesia que Fernando Pessoa declara que “o poeta é um fingidor”. Percebe-

se aqui uma das características mais marcantes da poesia, a tensão, o “entre” entre o que se vela e o que se desvela. O poeta finge o que sente de verdade! Note a ambigüidade que se dá entre o “fingimento”, a “mentira” e a “verdade”.

H - Texto religioso - As grandes religiões giram em torno de texto sagrados, quer seja esta religião monoteísta, quer seja politeísta. Tais escritos são frutos de revelação e como tais, são considerados a própria Palavra de Deus ditadas aos homens e aos seus seguidores através de homens eleitos. As religiões acabam por constituírem sistemas, e como tais, acabam por dirigir a vida de seus seguidores através da regulamentação e princípios morais. Apesar de os textos religiosos possuírem ambigüidades, o sistema religioso tende a moldar a interpretação de acordo com suas tradições. Chamamos de exegese a hermenêutica dos textos religiosos. Ao trabalharmos o Sermão do Quinto Domingo da Quaresma, estaremos diante de um texto essencialmente religioso, haja vista que o Padre Antônio Vieira é Jesuíta, viveu em pleno período Barroco que tinha como uma de suas características: o apelo à religião.

Observemos, agora, o fragmento do Sermão do Quinto Domingo da Quaresma abaixo:

Como estamos na corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem têm nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

O escudo desta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lises, em outro as águias, leões e castelos; sem dúvida, este deve ser o palácio em que mora a fé cristã, católica e cristianíssima. Entremos e vamos examinando o que vimos, parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavalos, liteiras e coches; vejo criados de diversos calibres, uns com libré, outros sem ela; vejo galas, vejo jóias, vejo baixelas; as paredes, vejo-as cobertas de ricos tapizes; das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas; enfim, vejo todo o palácio e também o oratório; mas não vejo a fé. E por que não aparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono dela. Se os vossos cavalos comem à custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pisam e as rodas e o coche que arrastam são os pobres oficiais, que andam arrastados sem poder cobrar um real, como se há de ver a fé na vossa cavalaria? Se o que vestem os lacaios e os pajens, e os socorros do outro exército doméstico masculino e feminino depende do mercador que vos assiste, e no princípio do ano lhe pagais com esperança e no fim com desesperações, a risco de quebrar, como se há de ver a fé em vossa família? Se as galas, as jóias e as baixelas, ou no Reino ou fora dele, foram adquiridos com tanta injustiça ou crueldade,

que o outro e a prata derretidos, e as sedas se se espremeram, haviam de verter sangue, como se há de ver a fé, nem pintada nas vossa paredes? Se a Primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viúva e órfãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pais vos serviram, com se há de ver a fé nessas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo os suores dos jornaleiros, a quem não fazeis a féria e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendéis e obrigáveis por força, como se há de ver a fé, nem sombra dela na vossa vida? (Vieira, 1959, p. 2003-4)

Antes de fazermos um comentário sobre as várias vozes no sermão do padre Jesuíta, vejamos algumas informações sobre certos termos que aparecem no texto:

Quartel; cada uma das quatro partes em que se divide um escudo;

Escudo: brasão da nobreza;

Águia: figura estilizada dessa ave presente num brasão;

Castelo: figura, em escudo, que representa uma fortaleza;

Lis/lises: figura, em escudo, do lírio.

Quina: cada um dos cinco pequenos escudos que figuram nas armas de Portugal e cuja origem está na primeira bandeira portuguesa, e das quinas, adotadas por Dom Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal; essa bandeira era branca com cinco escudetos, que, segundo a lenda, simbolizavam os cinco reis mouros destroçados por Dom Afonso Henriques na batalha de Ourique, em 1139, que marca, de acordo com a tradição, a fundação do reino de Portugal, pois Dom Afonso Henriques teria sido aclamado rei no próprio campo de batalha; pode-se dizer que, posteriormente, as quinas presentes nas armas portuguesas passaram a representar a fundação de Portugal.

Este texto mostra uma propriedade fundamental da linguagem: a heterogeneidade constitutiva, ou seja, os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de outros textos. Sendo assim, todo texto está atravessado, habitado pelo discurso do outro. Em outras palavras, há vozes no texto que ora se opõem, ora concordam com o pensamento do escritor do texto.

Por exemplo, um texto a favor da abolição da escravatura só pode ter surgido numa formação social onde exista um discurso racista e um discurso feminista só pode ter surgido numa sociedade machista. Podemos concluir duas coisas em cima desses exemplos: que um discurso em um texto é histórico-social e é sempre o campo de batalha onde os pontos de vista estão em oposição. É isto que encontraremos no sermão de Vieira. Para constituir sua concepção sobre um dado tema, padre Antônio Vieira leva em conta o discurso, o pensamento do outro que, de certa forma, está presente em seu discurso construído.

Em seu sermão, Vieira discute o que é a fé e resolve mostrá-la no palácio (alguma casa grande) de um nobre (dos grandes. Simula, então, estar entrando, juntamente com os ouvintes por ele convidados, em um palácio de fidalgos muito ricos cujo escudo no alto da grande porta de entrada (portada) mostra os signos heráldicos (quinas, lises, águias, leões e castelos) da fé cristã, católica e cristianíssima da família. Vai, então, mostrando de um lado as riquezas da casa, os objetos de luxo, os cavalos e os coches, a multidão dos criados, as belezas dos jardins e das quinas, etc. De outro, os seres humanos explorados para que essa riqueza possa existir, os pequenos proprietários de terra, a quem não se paga o que os cavalos comem, os artesãos, a quem não se paga os objetos (freios, ferraduras, roda e coches) que fizeram, os mercadores, a quem não se pagam as mercadorias que forneceram, os criados, a quem não se pagam os salários, os diaristas (jornaleiros), a quem não se paga a féria (diária), a viúvas e os órfãos de criados, a quem se deixa no abandono.

A partir dessas considerações, Vieira declara que não pode haver fé sem que se leve uma vida em conformidade com ela, ou seja, deixa claro que não pode haver fé sem as obras correspondentes. A fé cristã, vista por este ângulo, implica em justiça com os que trabalham, implica em trabalho remunerado sem exploração desses trabalhadores, sem enriquecimento em cima do não pagamento a estes.

Até agora falamos sobre o discurso de Vieira. No entanto, dizíamos que há outras vozes presentes em seu texto. Quais são elas?

Primeiramente, o sermão do sacerdote constitui-se em oposição ao discurso feudal, que defendia os privilégios da nobreza e as relações servis de trabalho, em que os servos tinham a obrigação de

prestar serviços ao senhor e não podiam mudar de trabalho, mas estavam presos a uma propriedade. (*se queriam ir buscar a vida em outra parte, prendêis e obrigáveis por força*). Note que o ponto de vista do sermão é de sociedade mercantil, que defende os direitos do assalariado. Há uma relação social no discurso de Vieira.

Vieira também critica os que dizem ter fé, mas não praticam as obras correspondentes. Ele faz um discurso jesuítico, que pregava que o ser humano se define por sua ação no mundo. Sendo assim, opõe-se a dois tipos de discurso que passaremos a comentar: o janse-nista e o quietista.

A - Jansenismo - Foi um movimento de tentativa de reforma dentro da Igreja Católica Romana, seguindo idéias de Cornelius Jan-sen, bispo de Ipres (1585 - 1638). Publicou um tratado teológico chamado “Augustinus”. Nesta obra, revivia uma forma extrema e radical das idéias de Santo Agostinho. Jansen tinha o desejo de reformar certos aspectos da Igreja Católica Romana, que lhe pareciam necessário, visto que os ensinamentos sobre o luteranismo e o calvinismo haviam “restaurado” a Igreja. Opunha-se às idéias lassas dos Jesuítas, sobre questões morais e éticas. Os Jesuítas ensinavam que em questões onde haja dúvidas éticas, quando o curso da ação não pode ser claramente determinado, o indivíduo tem a liberdade de agir de acordo com taxas de probabilidade de que seus atos estejam corretos. O Jansenismo era radicalmente contra a este probabilismo. Os Jesuítas asseveravam que uma lei dúbia, ou uma aplicação duvidosa, nem pode requerer nem pode anular um ato. Em tais casos, a liberdade deve prevalecer.

No ano de 1653, o Papa Inocente X declarou hereges cinco das proposições do Augustinus de Jansen, que são:

1 - Certos mandamentos de Deus não podem ser observados por homens justos, a despeito de seus esforços, se lhes faltar a graça divina.

2 - Um pecador não pode resistir à graça divina, quando Deus lhe confere.

3 - Um homem só é livre se não for constringido a cometer algum pecado.

4 - A vontade humana, por si mesma, não pode nem obedecer e nem resistir à graça divina.

5 - Cristo morreu exclusivamente em favor dos eleitos.

Em suma, o Jansenismo afirmava que bastava a fé para que o homem fosse salvo, mesmo que desacompanhada de obras.

2 - Quietismo - Nome de um movimento religioso e místico do século XVII, dentro da Igreja Católica Romana. Seus líderes foram Miguel de Molinos, que publicou o livro Guia Espiritual, refletindo as idéias do movimento, e François Fénelon que escreveu Esplicações das Máximas dos Santos. Como a Igreja Católica não se sentiu feliz com este movimento, Molinos foi condenado à prisão perpétua, ao passo que Fénelon recebeu uma censura papal. As idéias desse movimento eram:

1 - Um ponto de vista pessimista da natureza humana, por considerá-la totalmente depravada, com a conseqüente necessidade de o indivíduo vender ou matar sua vontade consciente.

2 - Isso libera a alma para que busque completar-se exclusivamente em Deus, inspirada no amor de Deus, e não nos méritos humanos.

3 - A meditação era um exercício muito usado, com o intuito de ajudar os homens a esperar em Deus, em seus movimentos transformadores e graciosos.

4 - A ênfase sobre a meditação levou à máxima do quietismo que diz que um momento de verdadeira contemplação vale mil anos de boas obras. Supomos que essa contemplação deva ser uma experiência mística segundo a qual a pessoa entra em contato direto com o ser divino, sendo transformada nesse processo.

5 - A fé pura está acima das idéias e crenças. O verdadeiro amor consiste em amor por causa do amor, um tipo de qualidade constante da alma, e não meramente um afeto que se fixa sobre alguma pessoa ou objeto.

6 - A verdadeira atitude mental receptiva, capaz de acolher a graça divina, consistiria em absoluta calma (o que justifica o nome quietismo), sem mistura com ambições pessoais. A meditação era re-

comendada, a fim de encorajar esse estado de receptividade mental. Outro importantes membros, além daqueles que já foram mencionados, foram Joanne Marie Guyon e a Srta Antoinette Bourignon.

Percebe-se então que o quietismo sustenta que a perfeição consiste na anulação da vontade, na indiferença total em relação aos acontecimentos e na união contemplativa com Deus.

Não é à toa que Vieira produzirá um discurso em oposição a essas vozes, já que o sentido da palavra fé parecia estar sendo deteriorado por movimentos considerados hereges pela Igreja. Note que o primeiro dos movimentos inclusive opunha-se ao pensamento Jesuíta.

Se por um lado encontramos essas vozes de oposição ao sermão de Vieira, por outro lado há uma voz que está de acordo com as proposições do sacerdote: São Tiago. Na carta deste apóstolo encontramos a seguinte declaração:

“Porque assim como o corpo sem o espírito está morto, a fé sem obras é morta.” (Tiago, 2,26)

E não é isto que o padre Antônio Vieira defende em seu sermão? Não critica o padre um cristianismo de aparência com nenhuma experiência genuína com o Ser Superior, pois não comprovam a fé através de obras?

É importante, ainda, acrescentar que o sentido da palavra fé nos textos sagrados demonstra a idéia defendida pelo padre Jesuíta. Em hebraico, a palavra fé é “*emunah*”. Esta palavra vem de um verbo cujo significa é: crer; exercitar-se. Portanto, fé é um exercício. À proporção que se exercita (praticando os ensinamentos da lei divina), maior fé lhe é acrescentada. Em grego fé é “*pístis*”, que também significa obediência. A fé é um ato de obediência e não de um estado metafísico onde o homem passa a acreditar em um ser superior.

Estas são as vozes com as quais o padre dialoga, o que demonstra que nenhum texto está isolado em um pensamento único e tampouco original.

CONCLUSÃO

Como pudemos notar, toda vez nos dispusermos a ler um determinado texto, precisamos entender que lá estão inseridas vozes que a todo o momento estão dialogando com o escritor do texto e com o próprio leitor.

Também pudemos notar que isto acontece devido à linguagem, que não é somente lógica como também ambígua. Através da linguagem, chegamos aos discursos.

Também aprendemos que esses discursos são sociais e históricos. Tanto é verdade que o Jansenismo e o quietismo datam dos séculos XVI e XVII. Os discursos não são só de oposição. Pode acontecer de haver um discurso em concordância com que o escritor declara. Isto acontece com o sermão de Vieira, pois encontra apoio na famosa carta de São Tiago.

Com tudo isto exposto nestas breves linhas, concluímos que quanto mais culto for o leitor, melhor entendimento terá de compreender as diferentes vozes encontradas nos textos. Não basta apenas possuir o conhecimento lingüístico; devemos também obter o conhecimento de mundo.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Antônio. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, s/d.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef, BARBOSA, Jésus. *Produção de texto e usos da linguagem*. São Paulo: Ática, [s/d.]
- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. São Paulo: Moderna, [s/d.]
- CHAMPLIN, R. N, BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995.
- SARMENTO, Leila Lumar. *Oficina de redação*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- VIANNA, Antônio Carlos et alii (Orgs.). *Roteiro de redação: lendo e argumentando*. São Paulo: Scipione, [s/d.]

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello, 1959. V. 2 T.

SITE: <http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/textos.htm>